

MESA REDONDA – “O MAPA”

O ACOMPANHAMENTO DOS FORMADORES NO SEU CAMINHO COM OS NOIVOS E COM OS CASAIS EM DIFICULDADE

OS ASPECTOS SOCIOLÓGICOS

Conferencistas: Lea Song e Gigi Coletta – CPM Pisa - Itália

Os conflitos em casal e em família

O mapa

Um ponto de vista socio-jurídico

Preâmbulo

A ideia à partida é que os conflitos estiveram sempre presentes nos casais e em família, ontem como hoje. É mais ou menos como os fenómenos da homossexualidade e do incesto : ontem tinham menos visibilidade ou eram menos falados, enquanto que hoje, libertados dos laços da relutância, repara-se neles e fala-se cada vez mais deles, já que dão origem à crise e por consequência às separações.

Problemática

Quais são hoje em dia as raízes dos conflitos em casal e em família ?

Qual é o contexto socio-jurídico ?

Porque é que os conflitos terminam muitas vezes por uma separação e/ou um divórcio, o que os torna mais visíveis ?

Quais são os factores notórios em jogo ?

A) Contexto socio-jurídico da conflitualidade

1. Paridade entre o homem e a mulher

A emancipação das mulheres contribuiu para uma maior consciência de si, para adquirir um sentimento de segurança que fez com que as mulheres se tenham tornado mais reactivas do que a atitude mantida na família tradicional (calar e sofrer). Trata-se de um desafio ao poder do homem que perdeu o seu papel de chefe de família, também no contexto jurídico.

2. Exigências de afecto

Aos casais de hoje não basta o amor dos primeiros dias. Continuam a exigir afecto ao longo do seu casamento, sob todas as formas. Quando falta o afecto e/ou a intimidade, vêem isso uma ameaça ao funcionamento do casal. A conflitualidade revela o apego a uma relação profundamente afectiva.

3. Exigências de comunicação

A família de hoje não se apresenta como uma unidade, mas como a soma dos indivíduos que dela fazem parte. A afirmação de várias personalidades comporta a capacidade de acordo e de interacção, quer entre os cônjuges quer entre pais e filhos, e requer « negociações ». A comunicação torna-se um processo conflitual, que tem por fim compreenderem-se melhor e atingir compromissos sucessivos.

4. Aumento do valor da autenticidade

O contributo da teoria psicanalítica e dos diferentes métodos terapêuticos que dela derivam promove o chamado direito de se ser ele próprio, destinado ao *bem-estar* mental geral da família, em vez de uma

atitude tradicional de mentira piedosa ou de repressão das suas próprias opiniões contrárias, que serviria para *proteger* a integridade e a homogeneidade da família. A fidelidade a si próprio sobrepõe-se ao medo de se ser repreendido, ao *sentido de grupo*, enquanto que os diferentes membros da família assumem mais facilmente o risco de ferir o outro.

5. Diluição dos papéis no lar

Os papéis dos homens e das mulheres na família misturam-se cada vez mais e são cada vez menos definidos para gerir os filhos e os casais. Esta confusão e ocupação de espaços provoca inevitavelmente mais conflitos.

Em resumo, os conflitos escondem um apego muito forte às relações e visam melhorar a sua qualidade. Contudo, levam frequentemente à ruptura, efeito contrário, que não era desejado.

B) Elementos que favorecem a passagem da conflitualidade à separação

Os elementos exteriores

1. Diminuição da pressão social

Também na sequência da legalização do divórcio, nota-se uma diminuição progressiva da pressão social relativamente à « regra » matrimonial e monogâmica e ao mesmo tempo regista-se um aumento das separações. Este aspecto está associado a um individualismo desmedido generalizado, segundo o qual cada um decide como lhe agrada.

2. Desmoronamento da fé e dos princípios

Com o vazio produzido pela fraca pressão social, desaparecem também os pontos de referência pessoais constituídos pela fé ou pelas crenças que podem evitar escolhas destrutivas. Além disso, esta ausência tem como resultado que, desde o início, os esposos não se empenhem completamente na procura da unidade do casamento, ou que o façam, mas com pouca consciência.

3. Meio familiar e círculo de amigos

A família mononuclear de hoje torna-se sempre mais um lugar privado, independente do contexto mais alargado dos parentes e amigos. Relativamente aos casais que vivem a experiência da separação, a família alargada e os amigos limitam frequentemente o seu papel a um apoio moral ou económico, em vez de exercer uma influência contra tal decisão.

Elementos estruturais

1. Factores económicos e jurídicos

A independência económica das mulheres torna mais facilmente concebível a separação e o divórcio. Um contributo vem também da política familiar, sobretudo da legislação relativamente às obrigações dos separados e dos divorciados quanto ao sustento do cônjuge mais fraco e dos filhos menores.

2. A questão dos filhos

Parece que a existência de filhos já não é uma força de dissuasão à separação dos pais. Sendo o casal o coração da família, isto leva a pensar que se o casal não funciona é inútil manter a família unida, pelo contrário, pode até ser prejudicial para os filhos. Além disso, a imagem dos filhos dos separados como sujeitos necessariamente prejudicados pela crise da sua família, evoluiu ; os estudos chegam a resultados menos sombrios, sossegando paradoxalmente os cônjuges em crise sobre as consequências duma escolha irreversível.

Além disso, a política familiar que garante a guarda conjunta dos filhos após a separação ajuda a tomar uma decisão e torna mais fácil os aspectos práticos.

Os elementos interiores : A reconstrução da identidade

Os casais ou a família em conflito, em vez de procurar conselhos junto dos membros da família e dos amigos, dirigem-se mais facilmente à acção mantida pelo Estado (tais como médicos, psicólogos, terapeutas conjugais, assistentes sociais, mediadores familiares, etc.). Com a sua ajuda procura-se dar início a um processo de construção ou de reconstrução da identidade.

Este percurso, necessariamente pessoal, pode alargar-se a um percurso de terapia e de crescimento de casal ou de família, mesmo passando por uma ruptura provisória. Se pelo contrário permanece individual por causa da recusa do outro ou dos outros, tende a conduzir à separação e à ruptura definitiva.

Pode mesmo acontecer que, mesmo se a colaboração estiver activa entre os cônjuges no caminho de reconstrução da identidade, a separação seja a saída inevitável onde, durante a terapia de casal, se conclui que o erro existia já no início na escolha do *parceiro* devido a uma certa imaturidade ou a outros factores fundamentais.

CONCLUSÃO

No casal e na família de hoje os conflitos são inevitáveis e tendem a aumentar porque, por um lado, são a expressão do aumento dos individualismos e por outro, do apego às relações. Cada um constrói a própria identidade em confronto com o outro e sem os conflitos parece que as relações não melhoram. A crise não é negativa em si mesma, pode contribuir para o crescimento pessoal, em casal e em família, quando é enfrentada e ultrapassada.

Na falta de vontade pessoal ou de ajuda externa, mais espiritual que psicológica ou de um simples apoio moral, a crise corre o risco de levar à ruptura da família, numa sociedade que concebe e quase banaliza estes fracassos.